

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**PROJETO DE MESTRADO**  
**ROBERTA DE QUEIROZ HESSE**  
**Orientação: Marta Rosa Amoroso**

**Aculturação, uma ferramenta conceitual possível? Pensando Territorialidade e Política  
na Terra Indígena São Jerônimo (PR)**

**SÃO PAULO**  
**Setembro de 2017**

### **1) Resumo:**

O presente projeto reflete sobre as territorialidades ameríndias em São Jerônimo da Serra (PR), onde três povos distintos, Kaingang, Guarani e Xetá dividem a gestão de uma Terra Indígena. Segue-se aqui a proposta de Peter Gow de retomar uma noção de aculturação como forma de abordar a complexidade da dinâmica social. Ao defender a aculturação enquanto um objeto legítimo da antropologia contemporânea, Gow (2015) aponta para possíveis e interessantes diálogos entre propostas da etnologia contemporânea amazônica e a etnologia alemã do final do século XIX e início do século XX, indicando que naquele contexto o termo aculturação era mobilizado para explicar as características semelhantes entre diferentes povos, indicação que se pretende explorar na pesquisa. Destarte, o objetivo do presente projeto é reunir elementos para poder pensar uma outra noção aculturação - que sugere, potencialmente, que "levar o discurso do nativo a sério" pode dissolver fronteiras mais do que as produzir – por meio de um exercício que relacione a etnologia alemã e suas repercussões no Brasil, a etnologia americanista contemporânea e minha experiência em São Jerônimo.

### **Palavras chave:**

*Aculturação; Peter Gow; História da Antropologia; Kaingang; Guarani; Xetá*

## 2) Introdução

Entre 2014/2015/2016 realizei uma pesquisa sobre territorialidades ameríndias na Terra Indígena São Jerônimo da Serra (PR), localizada às margens do Rio Tibagi, reflexão que foi motivada pela seguinte passagem de Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*:

"Para minha grande decepção, os índios do Tibaji não eram nem inteiramente 'índios verdadeiros' nem, muito menos, 'selvagens'. Mas, ao privarem de sua poesia a imagem ingênua que o etnógrafo principiante forma de suas experiências futuras, davam-me uma lição de prudência e objetividade. Se encontrei-os menos intactos do que esperava, iria descobri-los mais secretos do que sua aparência poderia deixar supor."  
(LÉVI-STRAUSS, 1996, p.144)

Investigar o tema das territorialidades permitiu compreender aspectos das dinâmicas territoriais entre os três povos que ali habitam, a saber, Kaingang, Guarani e Xetá, sob uma perspectiva histórica, relacionando a bibliografia levantada com as narrativas que me contaram durante as duas idas que fiz à Terra Indígena (TI) São Jerônimo em 2015<sup>1</sup>.

A TI São Jerônimo está localizada no município de São Jerônimo da Serra no Paraná, nas proximidades de Londrina ocupando um território de 1.339.00 hectares (Santos, 2017). Estando apenas a cerca de um quilometro de distância do centro da cidade, essa TI acaba sendo considerada um bairro de São Jerônimo, o que influencia muito as dinâmicas locais pois, como os próprios caciques afirmam, é muito difícil controlar o fluxo de pessoas. De acordo com os dados do Instituto Socioambiental (<http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras->

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa de iniciação científica era inicialmente um projeto bibliográfico, mas através dos contatos estabelecidos com pesquisadores atuantes na região, surgiu a oportunidade de ir à campo. No primeiro momento eu apenas sabia da existência de coletivos Kainkang e Guarani habitando o local. Portanto, todo o período que antecedeu minha primeira ida à campo consistiu-se em fazer um levantamento bibliográfico sobre esses povos, variando as leituras entre trabalhos etnográficos e históricos. A primeira ida à campo foi realizada durante uma semana em abril de 2015 e minha inserção foi possibilitada e consequentemente também pautada por um pesquisador atuante no local. Ao chegar na TI me deparei com um cenário político muito mais complexo do que aquele imaginado e encontrei famílias Xetá também morando no local. Existia uma disparidade entre o material levantado e a situação real de São Jerônimo. Assim, após o primeiro campo todo o projeto teve de ser repensado. Os contatos estabelecidos durante essa primeira vez acabaram gerando o convite para ir uma segunda vez à TI, em setembro de 2015, para acompanhar uma reunião de discussão sobre a terra demarcada pela FUNAI no distrito de Umuarama-PR para o povo Xetá, aproveitando a vinda de um procurador do Ministério Público Federal.

[indigenas/3613](#) acessado em 29/09/2017 às 19h40), existem 674 habitantes nessa Terra Indígena<sup>2</sup>. Os Kaingang, povo Jê Meridional estimado em mais de 25 mil indivíduos dispersos pela região sul do país e em São Paulo (Fernandes, 2003), estão em maioria na TI. Em seguida vem a população Guarani, povo Tupi-Guarani estimado em torno de 50 mil indivíduos no Brasil em 2008 (Grumberg e Melià, 2008 *apud* Pierri, 2013). Os moradores Guarani de São Jerônimo são em sua maioria do subgrupo Nhandeva, contando apenas com uma família Guarani-Kaiowá. Por último estão algumas famílias Xetá, povo que também pertence à família linguística Tupi-Guarani. O número exato de membros de cada povo dentro da TI é um assunto delicado entre as lideranças visto que serve como instrumento político interno. Ainda, existem não-indígenas morando na TI e uma grande circulação de pessoas, o que dificulta ainda mais uma precisão numérica sobre seus reais habitantes.

Conforme os antigos moradores Tapixi, Carlos Cabreira e Isabel Vargas me contaram, a TI São Jerônimo, antigo aldeamento São Jerônimo do Império (Amoroso, 1998, Laroque, 2007), era originalmente um local de ocupação Kaingang e foi somente ao longo do século XX que os Guarani e Xetá foram chegando, em decorrência de conflitos em outras regiões e através do trabalho de missionários e de políticas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Atualmente, os recursos e as negociações com os projetos que atuam na área<sup>3</sup> está dividido entre dois lados políticos: Kaingang e Guarani.

Santos (2017) explicita que tal divisão política de São Jerônimo permeia diversos aspectos da vida social dos povos de São Jerônimo. Cada lado é autônomo e possui seu próprio cacique que é eleito pelos membros daquele lado político. Não existindo uma periodicidade

---

<sup>2</sup> Acredito que os dados do ISA estejam desatualizados pois não consideram as famílias Xetá enquanto habitantes da TI. Não encontrei nenhuma outra fonte que incluía as famílias Xetá.

<sup>3</sup> Os projetos que existem atualmente estão vinculados ao Consórcio Energético Cruzeiro Sul e seus agentes que estão atuando na região na implementação das compensações pelos impactos causados pela construção da Usina Hidrelétrica Mauá (UHE-Mauá).

para que as eleições ocorram, elas acontecem de acordo com a conjuntura (Hesse, 2015). Existe, especialmente no caso do lado Guarani, uma instabilidade constante, na qual o cacique precisa sempre estar afirmando sua legitimidade. Há também um perpétuo potencial conflito entre os lados políticos, uma situação que muito remete ao “estado de guerra permanente” e a descentralização clastriana<sup>4</sup>(Hesse, 2016).

Encontrar os Xetá morando em São Jerônimo foi uma grande surpresa uma vez que eles estavam “sumidos” dos registros oficiais desde o que ficou conhecido como Massacre da Serra dos Dourados, ocorrido na década 70. Somente oito crianças xetá sobreviveram ao massacre e elas foram separadas, realocadas para outras regiões, algumas tendo sido adotadas por famílias brancas como é o caso da famosa liderança Tikuen Xetá, que foi adotado pela família de Jango Serrano, então funcionário sertanista do SPI. As crianças sobreviventes criaram um mecanismo de parentesco, de repovoamento e de produção de pessoa xetá, casando-se com outros povos, indígenas e não-indígenas – o que levou a um aumento no número de pessoas xetá, cuja população em 2015 alcançava 42 famílias, de acordo com a liderança Dival Xetá. Este último é um dos filhos de Tikuen Xetá e é atualmente casado com Fátima, filha de Isabel, uma anciã Guarani de São Jerônimo. Os filhos deste casal são todos xetá. Existe também a inclusão de famílias brancas nos laços de parentesco de alguns personagens de São Jerônimo, como Dival Xetá e Carlos Cabreira, Guarani-Kaiowá. No caso deles, assim como no de Tikuen Xetá, um dos laços de parentesco é com a família Serrano, pois foram adotados por essa família.

Sobre a divisão política podemos observar que ela não está necessariamente vinculada ao pertencimento étnico, mas a laços de parentesco. Carlos Cabreira, Guarani-Kaiowá, como ele mesmo conta "tirado do mato aos sete anos de idade e brutalmente catequizado por missionários", morou em muitas famílias, participou de muitos processos demarcatórios de

---

<sup>4</sup> Ver: Pierre Clastres 2003a, 2003b, 2004.

terra no Paraná e atualmente é professor Guarani na escola da aldeia. Porém, ele pertence ao lado político Kaingang e é muito próximo do cacique Kaingang João da Silva. Uma de suas filhas é casada com um Kaingang e mora na TI Barão de Antonina<sup>5</sup>. Tapixi, outro morador antigo de São Jerônimo, é Kaingang e já foi cacique da TI Barão de Antonina, mas atualmente pertence ao lado político Guarani, afinal seu genro Cléber é o atual cacique Guarani. Os Xetás pertencem ao lado Kaingang, mas possuem sua própria liderança e durante minha segunda visita à TI estavam orgulhosamente apresentando os documentos da oficialização de uma Associação Xetá.

Uma das principais referências sobre povos indígenas brasileiros do início do século XX foi Curt Nimuendajú, etnólogo alemão batizado pelos Apapocúva-Guarani<sup>6</sup>. O segundo ano de minha pesquisa de iniciação científica voltou-se a uma comparação entre o material textual disponível no maior acervo do autor no Brasil, localizado no CELIN/MUSEU NACIONAL/UFRJ, e o material textual disponível do autor em instituições alemãs. Para realizar esta comparação entre os catálogos, foi necessário além de uma sistematização intensa de textos, uma familiarização com a trajetória de Nimuendajú e suas orientações teóricas, a etnologia culturalista norte-americana e a etnologia alemã. Esta última despertou muito meu interesse, especialmente por não ser uma corrente teórica muito explorada pela literatura antropológica brasileira. Ao longo deste ano de pesquisa e intercâmbio foi possível perceber grandes influências do pensamento alemão, especialmente do século XIX, nas mais diversas correntes teóricas das ciências humanas, em especial aquelas que derivam da noção alemã de cultura, *Kultur*.

---

<sup>5</sup> Outra TI localizada no município de São Jerônimo da Serra, porém exclusivamente Kaingang. Esta relação é algo que difere da clássica uxorilocalidade Jê (Fernandes, 2003).

<sup>6</sup> Pedi renovação de minha pesquisa de Iniciação Científica e a realizei em 2015/2016. Aproveitando a oportunidade de um intercâmbio institucional da USP e de estágio de pesquisa no exterior, optei por redirecionar os rumos de minha pesquisa focando nos trabalhos de Curt Nimuendajú. O intercâmbio e estágio tiveram duração de um ano e foram realizados na Universidade de Colônia na Alemanha.

Eduardo Viveiros de Castro (2002a) aponta que com a expansão da globalização pós II Guerra Mundial aos países então chamados de "terceiro mundo", antecipava-se que haveria uma assimilação<sup>7</sup> generalizada dos povos nativos ao mundo ocidental. Foi somente a partir da década de 80 que houve uma "dissolução da divisão tradicional do trabalho entre os especialistas em sociedades 'puras' e aqueles em sociedades 'aculturadas'" (Viveiros de Castro, 2002a, p. 339). É também a partir deste momento que diversas pesquisas etnográficas, nos mais diferentes contextos, começam a adotar um olhar menos fatalista e mais relacional para entender as dinâmicas entre sociedade industrializada e sociedades tradicionais. Os exemplos neste sentido vão desde o divertido jogo de Cricket Trobriandes exposto no filme: "Trobriand Cricket: An Ingenious Response to Colonialism" de Jerry Leach e Gary Gildea, passando pela noção de "cultura" enquanto metacategoria, reflexiva, termo de empréstimo mobilizado por povos tradicionais contextualmente, apresentada por Manuela Carneiro da Cunha (2009) até a variação do mito Guarani que inclui a figura de Jesus (Pierri, 2013)<sup>8</sup>.

Marshall Sahlins (1997) defende que a cultura não é um objeto em vias de extinção e Peter Gow (2011, 2015) está propondo a legitimidade da aculturação enquanto objeto antropológico: ambos defendem a não-obsoloscência dos respectivos conceitos. Acredito que uma grande lição oferecida por Sahlins e Gow é a importância para a antropologia em revisitar certos conceitos, considerados ultrapassados por alguns intelectuais, mas que, como diria Carneiro da Cunha (2009), estão sendo mobilizados pelos nativos e voltando para assombrar as metrópoles, ou como diria Kuper (2002), são "o retorno do nativo". O presente projeto de pesquisa é, desta forma, uma compilação destes dois anos de Iniciação Científica que fiz, inspirados por essa questão levantada por Peter Gow (2011, 2015). Segundo o autor escocês, o

---

<sup>7</sup> A assimilação seria a última etapa do processo de aculturação, ou seja, o ponto, dentro de uma escala evolutiva, no qual determinado povo estaria completamente inserido na "nova" sociedade e os traços "originais" de sua cultura já desapareceram por completo (Schaden, 1959).

<sup>8</sup> Entre outros ainda: Comaroff, 1997, Fernandes 2003, Gallois, 2012, Gordon, 2006, Wagner, 2010.

significado de aculturação enquanto sinônimo daquele que deixou de ser índio (Amoroso e Lima, 2011) foi atribuído pela antropologia culturalista norte-americana. Em contrapartida a trajetória de Gow (1991, 1997, 2003, 2011, 2015) desde sua célebre monografia sobre os povos de "*sangre mezclado*", o levou a revisitar o termo aculturação, sugerindo (Gow, 2015) que a etnologia alemã mobilizava o conceito de aculturação para descrever uma relativa semelhança entre características de povos das terras-baixas. Assim, Gow (2011, 2015) defende que aculturação não seja um divisor de águas entre o que é objeto antropológico e o que não o é.

### 3) Justificativa

A contribuição que pode vir a ser oferecida por esta pesquisa expressa-se nos seguintes aspectos: a partir das questões que minhas incursões à campo levantaram, pretendo fornecer um panorama comparativo sobre a região do noroeste paranaense, tendo como base uma revisão bibliográfica interessada na rediscussão de um conceito caro à antropologia. Espero que esta revisão bibliográfica e histórica do conceito de aculturação ajude na leitura dos materiais históricos e etnográficos disponíveis sobre o Noroeste do Paraná.

Dispomos na etnologia das terras baixas sul-americanas de uma considerável literatura etnográfica sobre os grupos Kaingang<sup>9</sup> do sul do país e, especialmente, sobre os diversos coletivos Guaraní<sup>10</sup>. Na dimensão histórica existem alguns trabalhos que nos apresentem um panorama geral dos indígenas na região paranaense (Mota, 2008, 2009, 2013, Laroque, 2007, Amoroso, 2014). Este último nos demonstra como a política indigenista do império tinha como objetivo confinar diversos coletivos indígenas para poder liberar espaço para receber

---

<sup>9</sup> Entre outros: Fernandes, 2003, Tommasino, 1995, Veiga, 2000.

<sup>10</sup> Entre outros: Cadogan, 1997, Ladeira, 2001, Nimuendajú, 1914, Pierri, 2013, Schaden, 1959, 1974.

imigrantes, explora as contradições dos missionários responsáveis pelos Programas de Catequese e Civilização e apresenta as noções teóricas que orientavam estas investidas.

Apesar de encontrarmos alguma profusão de estudos históricos sobre a região, a literatura sobre São Jerônimo reduziu-se drasticamente pós-primeiro Governo Vargas (1930). No contexto contemporâneo (pós- homologação da TI), a literatura que contempla a convivência entre Guarani, Kaingang e Xetá ainda é muito reduzida na área de antropologia, restrita a dois trabalhos de conclusão de curso de alunas de ciências sociais (Rothen, 2001 e Spenassato, 2013) e uma dissertação de mestrado recentemente defendida (Santos, 2017). Esta última explora a configuração das noções nativas de "pureza" e "mistura" étnica utilizando a chave dos processos de territorialização desenvolvida por João Pacheco de Oliveira (1998). Especificamente sobre os Xetá existem ainda menos trabalhos, sendo a maioria deles na área de educação. Com efeito, o único trabalho em antropologia voltado aos Xetá após o Massacre da Serra dos Dourados é a dissertação de mestrado de Carmen Lúcia da Silva (1998).

Um caminho possível para buscar entender as dinâmicas de São Jerônimo é aquele que foi percorrido por Santos (2017). Todavia, a noção de processos de territorialização desenvolvida por Oliveira Filho (1998), faz um tratamento diferente daquele pretendido por esta pesquisa. Na revista *Entreterras*, publicação de lançamento do Laboratório de Antropologia da T/Terra coordenado por Marcela Coelho de Souza (2017), os (as) autores (as) apontam que esta noção de processos de territorialização condiciona possíveis noções nativas às relações desses povos com o Estado nacional. Enquanto cientista social, me parece óbvio que o contato colonial, a violência expropriatória e catequizadora e as imposições do Estado exerceram papel importante para as configurações atuais e não pretendo de forma alguma

ignorar este fato. Porém, tampouco desejo pensar as dinâmicas interétnicas de São Jerônimo apenas como reações ao Estado e ao universo ocidental.

Deste modo, pretende-se aqui abrir caminho para uma possível abordagem alternativa para entender as relações interétnicas, o processo de produção de pessoa e de alteridade em São Jerônimo. As questões de São Jerônimo me servem como inspiração e pretendo fazer uma releitura histórica do conceito de aculturação, a partir de um debate contemporâneo na antropologia motivado por Gow (1991, 2011, 2015). Espero assim, conseguir ter mais elementos para pensar o material etnográfico e histórico do Noroeste do Paraná. O foco desta releitura será em etnólogos alemães e/ou influenciados diretamente pelo pensamento alemão, aproveitando meu domínio desta língua para seguir a indicação feita por Gow (2011, 2015).

A defesa de Gow sobre a legitimidade da aculturação enquanto objeto antropológico insere-se em uma discussão contemporânea da antropologia acerca do problema de uma certa produção de incomensurabilidades entre "mundos vividos"<sup>11</sup>. Como fica explícito na metáfora utilizada em sua entrevista concedida a Amoroso e Lima (2011), é muito perigoso utilizar as ferramentas de Roma para pensar o que está fora de Roma, ou seja, é muito perigoso usar concepções ocidentais, estatais, para se pensar o universo ameríndio. Gow (1991, 1997, 2003, 2012, 2015) que se coloca, sobretudo, enquanto etnógrafo, atenta para o plano das fronteiras étnicas e espaciais, propondo um entendimento de aculturação enquanto uma prática nativa, provavelmente muito antiga, que contrastaria com uma noção de identidade étnica como foi estruturada por Cardoso de Oliveira (2005).

---

<sup>11</sup> Após a virada ontológica protagonizada por Viveiros de Castro (2002b) e Philippe Descola (2005) a diferença entre sistemas, noções de pessoa, relações com a natureza e com os não-humanos tornou-se tema central na antropologia das terras-baixas sul americanas. No entanto, dizer que estamos em terrenos ontológicos distintos não significa dizer que não haja um diálogo e uma convivência entre as diferentes ontologias, como nos mostra Mauro de Almeida (2013).

Para além disso, a indicação de Gow (2012, 2015) sobre os primeiros usos do termo aculturação, *akkulturation*, terem sido utilizados por etnólogos alemães, parece, no mínimo, razoável se levarmos em conta que o uso antropológico da palavra cultura vem do alemão de *kultur* (Carneiro da Cunha, 2009, Sahlins, 1997).

#### 4) Objetivos

O presente projeto de pesquisa de mestrado tem por objetivo fazer uma revisão bibliográfica do debate atual sobre aculturação e um levantamento bibliográfico dos empregos do termo aculturação na história da antropologia. Pretende-se explorar a discussão contemporânea sobre aculturação enquanto categoria dissolutiva de fronteiras para então, a partir desta, visitar autores clássicos. Para o primeiro momento, buscando me situar melhor no debate contemporâneo, pretendo fazer uma revisão bibliográfica de Peter Gow e Anne-Christine Taylor<sup>12</sup>, acompanhando também o debate amazônico mais amplo.

Relativo ao recorte dos autores clássicos a serem sistematizados, este será feito através de dois critérios: autores apontados por Peter Gow, como Walter Krickeberg, Paul Kirchhoff e Ralph Beals e autores com influências alemãs que trabalharam com Guarani, Xetá e/ou Kaingang na região sul e sudeste do Brasil, como Curt Nimuendajú, Herbert Baldus e Egon Schaden. Aproveito meu domínio da língua alemã para focar o levantamento bibliográfico em autores alemães.

Um objetivo secundário desta pesquisa é realizar uma incursão à campo que possa acompanhar, ainda que superficialmente, as dinâmicas e questões de São Jerônimo e,

---

<sup>12</sup> Gow (2015) aponta que Anne-Christine Taylor sugere uma categoria nativa Achuar de aculturação e muito me interessa acompanhar essa discussão.

especialmente, que possibilite aprofundar relações para futuras pesquisas mais extensas. Pretendo também manter contato com outros pesquisadores atuantes na região, com o mesmo objetivo.

#### **4) Quadro de referências**

Existe na área de etnologia, especialmente no Brasil, certas ressalvas ao uso do termo aculturação. Estas são ressalvas consistentes, uma vez que, como Athias (2007) indica, o termo aculturação costuma remeter a uma linha de antropólogos culturalistas norte-americanos que afirmavam que dois povos, quando em contato, se aculturam, se transformam, mas, que um deles perde suas características originais, sendo o fim da escala aculturativa o momento em que todos os traços originais se dissipam (Redfield, Linton, Herkovits, 1936), caminho fatal para as populações tradicionais. Ainda mais consistente se torna a crítica quando consideramos que a noção de aculturação foi muito utilizada pelo SPI para classificar os diferentes povos brasileiros em "estágios do contato", ou seja, dentro da lógica positivista do Marechal Rondon, estados transitórios das diversas populações indígenas rumo à civilização, à completa integração na sociedade nacional (Lima, 1998). Portanto, existiram implicações perversas de um conceito de aculturação que foi utilizado no Brasil, que não só condenava os povos indígenas à assimilação como também singularizava uma multiplicidade étnica em "o índio brasileiro".

Athias (2007) aponta que as repercussões desses trabalhos norte-americanos no Brasil foram lentas e classifica os estudos de aculturação brasileiros em três tipos, o primeiro representado pelos trabalhos de Herbert Baldus, Eduardo Galvão e Charles Wagley, o segundo representado pelos trabalhos de James Watson e pelos primeiros trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira e o terceiro representado pelos trabalhos de Egon Schaden. Mesmo fazendo abordagens diferentes, é comum a todos estes estudos uma noção de integração, por

assimilação, do indígena à sociedade nacional. Embora Schaden (1959) aponte para a religiosidade como um dos aspectos mais imunes às transformações, todos estes estudos acabam associando processos de mudança com uma decadência ou desintegração cultural (Novaes,1993).

Por último, existe o trabalho de Darcy Ribeiro que, supera o debate da aculturação e explora a ideia de transfiguração étnica. Para este último, a aculturação seria um fator externo, imposto, ligado à coerção (Athias, 2007). Embora Ribeiro tenha, de certo modo, superado o espectro da aculturação enquanto escala rumo à assimilação, para Gow (1991), Darcy Ribeiro acaba condicionando noções e práticas nativas à sua relação com o Estado e sociedade nacional, além de também singularizar uma multiplicidade de coletivos indígenas. Cabe ressaltar que esta crítica de Gow (1991) à Ribeiro, se aproxima bastante da crítica que o grupo da UnB<sup>13</sup> faz em relação à noção de processos de territorialização de Oliveira Filho (1998). Retomaremos este ponto mais adiante.

Espero apenas ter apresentado um breve panorama da polêmica envolvendo o conceito de aculturação na etnologia brasileira. Não obstante, o foco do presente projeto de pesquisa é menos contrapor-se a noções de aculturação que já foram utilizadas anteriormente do que buscar possíveis continuidades, como entre trabalhos de Curt Nimuendajú e Egon Schaden e a abordagem proposta por Peter Gow (2011, 2015).

---

<sup>13</sup> Já citados na sessão anterior, trata-se da revista *Entreterras* do Laboratório de Antropologia da T/Terra coordenado por Marcela Coelho de Souza (2017).

Nimuendajú possuía em sua bagagem intelectual um romantismo salvacionista influenciado pelas *Elementargedanken* e *Völkergedanken*<sup>14</sup> de Adolf Bastian (WELPER, 2002). Destarte, muitas das investidas do alemão naturalizado brasileiro foram tentativas de retardar processos de aculturação, concentrando seus esforços em povos "menos aculturados", tendo inclusive cunhado um neologismo para descrever o estado de decadência moral e física dos índios do sul do país (Amoroso, 2001). Também trabalhou para alguns importantes museus de etnologia alemães como bem explora o trabalho de Schröder (2011, 2013) e Amoroso (2001), buscando fazer o registro da cultura material dos diferentes povos antes que estes sumissem. Porém, o convívio intensivo de Nimuendajú com os indígenas o proporcionou um acesso a profundidades da vida ameríndia que muitos poucos outros etnólogos de seu tempo tiveram. Isto, o fez relatar, mesmo que inconscientemente, certas consistências da religiosidade Guarani, como bem observou Pierri (2013) ao revelar que até o próprio Nimuendajú acabou reconhecendo certa ação xamânica.<sup>15</sup>

Schaden (1959, 1982), por sua vez, ainda muito imerso no espectro da aculturação – como suas afirmações sobre as “imposições aculturativas” de diversos aspectos da vida material, cerimonial e cotidiana sobre populações variadas revelam – foi capaz de demonstrar aspectos que resistiam às imposições, como a religiosidade. Ele verifica que a religião guarani

---

<sup>14</sup> O primeiro diz respeito a uma célula universal de ideias, atemporais, comum à toda humanidade enquanto o segundo seriam ideias que diferem de cultura para cultura, de história para história ([Http://userwikis.fu-berlin.de/display/sozkultanthro/Bastian%2C+Adolf](http://userwikis.fu-berlin.de/display/sozkultanthro/Bastian%2C+Adolf). Acessado em 24/09/17 às 20:02. Tradução minha).

<sup>15</sup> "A fim de que não me censurem por elogiar unilateralmente o paganismo guaranítico, quero relatar que a festa do nimongaraí destes índios às vezes também oferece aos pajés a oportunidade de satisfazerem sua ambição, enganando sua gente através de truques. Assim, numa destas festas, Joguyroqu ostentava, à semelhança de um médium espírita, flores que ele teria feito vir do Além. Em outra ocasião semelhante, Oqu mandou vir da mata um pedaço de bambu e colocar na casa de dança. Durante a noite, submeteu-o intensivamente a cantos e ao maracá, mandando então que o abrissem; de um nó a outro estava cheio de puro e cristalino mel jatey, do qual emanava, ademais, um perfume muito especial. O exame superficial, que neste caso nos foi permitido, não detectou qualquer abertura. Todos os participantes estavam convictos de que se tratava do mesmo mel que bebem as almas felizes na “Terra sem Mal” e que o poder do canto de pajelança o havia introduzido no bambu." (Nimuendaju, 1987 [1914]:91 apud Pierri, 2013). É marcante nesta passagem como Nimuendajú por mais que tente ser cético, assume que não conseguiu ver nenhuma abertura no bambu e que, de fato, emanava um perfume especial.

não havia se secularizado e ainda propõe que uma secularização guarani seria impossível, pois a “religião” guarani permeia todos aspectos da vida social guarani. Deste modo, Schaden (1959) aponta, paradoxalmente, para dois caminhos possíveis, a fatalista assimilação frente as imposições ocidentais e aquilo que ele denomina de adoção apenas formal de alguns aspectos ocidentais. Por mais que Schaden (1959) sugerisse uma decadência cultural, foi simultaneamente extremamente perspicaz em observar dinâmicas da religiosidade Guarani que não demonstravam tal descaracterização total<sup>16</sup>.

Voltando a dicotomia já exposta por Schaden (1959) – assimilação/aceitação apenas formal de aspectos ocidentais - Fausto (2005) faz alguns apontamentos importantes. Ele expõe que essa dicotomia acabou produzindo uma tendência a definir os aspectos da vida religiosa guarani como fechados em si mesmos, resistentes e impermeáveis à alteridade dos brancos. Sendo assim, Fausto (2005) também atenta para o fato do desenrolar descontínuo da história colonial ter exercido grande influência sobre essas "aceitações apenas formais", acabar conduzindo a uma percepção de que a história indígena seria apenas sobre a relação entre indígenas e não-indígenas. Essa estaria, portanto, fadada aos dois modelos possíveis da dicotomia, que mantem o conteúdo intacto, agindo contra a própria alteridade na história. Neste sentido, vale lembrar que parte da argumentação de Latour (1994) constata que um importante fator na construção do "grande divisor", isto é, natureza e cultura enquanto duas esferas incomensuráveis, foi para encontrar critérios que apartassem os europeus, civilizados e repletos de cultura, dos primitivos, selvagens e com seus instintos animais ainda não domesticados.

---

<sup>16</sup> É interessante notar, que um dos principais exemplos utilizados por Schaden (1959) para descrever esta situação é o fato de muitos Guaranis passarem a frequentar missas católicas enquanto também frequentam a casa de rezas, o que sinaliza que para os Guaranis frequentar missas católicas e a casa de rezas não representava uma ruptura, uma incomensurabilidade entre sistemas. Embora em outro momento histórico e com outros agentes envolvidos, uma situação semelhante pode ser observada em São Jerônimo onde existe uma forte presença de duas igrejas evangélicas dentro da aldeia, sendo o pastor de uma delas, a liderança Dival Xetá. Até onde minhas curtas percepções me permitem inferir, para Dival Xetá tampouco se trata de uma ruptura

Portanto, acho que não seria incorreto dizer que algumas divisões, separações naturalizadas sejam, na verdade, produtos da construção histórica ocidental.

Estando claro que é preciso ter cautela com as implicações da construção histórica ocidental e para não produzirmos incomensurabilidades, podemos prosseguir nas considerações sobre as múltiplas ontologias, seus conflitos, coalizões e alianças como diria Mauro de Almeida (2013). Já existe acúmulo suficiente na antropologia para considerarmos processos de diferenciação enquanto característica inerente a coletivos humanos, seja com a cismogênese batesoniana (2008), seja com o totemismo levistraussiano (1989), seja com a elicitación melanésia descrita por Strathern (2006) e Wagner (2010), os mais diferentes exemplos nos apontam para a produção de alteridade. Provavelmente, isto seria uma daquelas bases comuns humanas das quais Lévi-Strauss falava.<sup>17</sup>

Voltamos assim para Peter Gow, mas retomo, primeiramente, o relato que fez em comunicação pessoal à Viveiros de Castro (2002c) sobre a diferença entre os corpos Piro e brancos: a mesma água fervida que imuniza corpos brancos, fazem corpos Piro adoecer. Este relato, entre outros motivos, incentivou Viveiros de Castro (2002c) a enfatizar a necessidade de se levar o discurso do nativo a sério, buscando entender o que aquelas explicações oferecidas pelos nativos dizem sobre como eles se entendem e se pensam no mundo deles. Nessa lógica, embora boa parte da etnologia brasileira esteja dividida entre pesquisadores de povos Jê e Tupi, especialistas de ambos os lados<sup>18</sup> apontam para a íntima relação entre construção do parentesco e construção da pessoa e para como estas são formas de existir em um universo no qual a vida humana precisa ser continuamente afirmada perante outras formas de vida, não-humanas.

---

<sup>17</sup> No último volume das mitológicas, *O Homem Nu*, e em *História de Lince*, Lévi-Strauss fala em matrizes comuns a partir das quais estruturas se engendram, que por sua vez também não estão, de maneira alguma, acabadas.

<sup>18</sup> Carneiro da Cunha (1978) e Coelho de Souza (2002) sobre os Jê e Lima (1996) e Viveiros de Castro (2002b) a respeito dos Tupi.

Entretanto, existe um porém, como o próprio Gow expõe na introdução de sua monografia (1991). A olhares superficiais os Piro seriam facilmente descartados como "aculturados" e, portanto, não estariam em um universo tão distante do nosso, alguns poderiam inclusive argumentar que não seria apropriado considerar no pensamento Piro as noções multinaturalistas<sup>19</sup> de outros povos amazônicos, que tenham menos contato com a sociedade ocidental. A contribuição de Almeida (2013) neste sentido é fundamental por apontar multiplicidades ontológicas entre populações tradicionais, porém não-indígenas. Logo, se é preciso considerar as diferentes ontologias de povos tradicionais, mas não-indígenas, também é legítimo estender esta consideração aos indígenas duplamente marginalizados: acusados de não serem mais indígenas ao mesmo tempo que não possuem o *status* de cidadão comum. Percebemos assim, que as multiplicidades ontológicas não dizem respeito ao "grau de contato" que determinados povos possam ter com a sociedade ocidental.

O que está em questão aqui é a forma como olhamos para um outro povo, quais elementos mobilizamos para pensar suas concepções e dinâmicas. Voltando para a metáfora de Gow (Amoroso e Lima, 2011), não podemos trazer as categorias de Roma para pensar o que está fora de Roma; pensar em fronteiras étnicas para o universo ameríndio pode tampouco ser adequado. Precisamos entender quais elementos podemos mobilizar para pensar esses processos de diferenciação, de produção da pessoa e, conseqüentemente, de seu diferente. Isto, independente de serem povos com maior ou menor interação com a sociedade nacional, cada contexto exige um olhar atento para suas idiossincrasias.

---

<sup>19</sup> Termo cunhado por Viveiros de Castro (2002b) para caracterizar, em oposição ao multiculturalismo, certa modalidade de pensamento ameríndio. O multinaturalismo ameríndio inverteria, segundo Viveiros de Castro, a dicotomia moderna Natureza/Cultura, ao afirmar a universalidade da cultura (comum a todos os seres do cosmos), e a particularidade das naturezas, específicas a cada espécie ou ser.

Para Gow (1991), a tal divisão clássica entre sociedade "puras" ou "aculturadas" é antes um problema criado pela prioridade analítica dada à história do que das práticas ameríndias efetivamente. É nesta lógica que Gow (1991) apresenta sua principal crítica aos estudos de aculturação, ao trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira e Darcy Ribeiro e aos estudos de etnicidade. Todas estas pesquisas possuem um foco em comum: concebem a história como o contato entre indígenas e não-índigenas. Elas buscam entender quais foram os impactos deste contato e quais transformações operaram a partir do mesmo. A agência suprema dada à história é que separa os povos "puros" dos "aculturados" pois a história da qual partimos é a história do contato, é a história do mundo ocidental. Não é à toa, observa Gow (1991), que as etnografias sobre povos "puros" omitem a história enquanto que os trabalhos sobre povos "aculturados" só falam de história. A argumentação de Gow (1991) não propõe que se ignore a história, mas que se leve o nativo a sério, como destaca Viveiros de Castro (2002c), que se considere a perspectiva nativa, que se investigue o que significam as diferenciações para eles e, sobretudo, que se desenvolva uma história na qual os nativos sejam os protagonistas, afinal como sugere o escocês: "História é a narrativa da criação do parentesco contemporâneo e a fonte das respostas das pessoas nativas às novas situações". (GOW, 2006, p.214)

Assim, a aculturação que Peter Gow visa resgatar não serve como uma categoria para estabelecer fronteiras, mas ao contrário, para pensar suas potenciais dissoluções e construções de alteridade, que estejam desta forma, fora de Roma. Minha intenção foi a de apresentar importantes questões do debate contemporâneo que permitam uma revisita aos clássicos. Será que os primeiros conceitos de aculturação – aqueles mobilizados pelos etnólogos alemães e, posteriormente, por etnólogos que trabalharam com populações indígenas no Brasil – poderiam ser produtivos para essa discussão? Ou seriam completamente incomensuráveis em relação aos

debates teóricos contemporâneos? E mais, sua retomada crítica pela etnologia poderia ajudar na elucidação de processos indígenas atuais, como os de São Jerônimo?

### 6) Plano de trabalho e cronograma de sua execução

- a) Cumprimento de créditos
- b) Levantamento bibliográfico
- c) Interpretação e sistematização dos dados
- d) Revisão bibliográfica
- e) Pesquisa de campo
- f) Elaboração e entrega da qualificação
- g) Redação, depósito e defesa da dissertação

<b>2018</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abril</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Cumprimento de créditos												
Levantamento bibliográfico												
Interpretação e sistematização dos dados												
Revisão bibliográfica												
<b>2019</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abril</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Pesquisa de campo												
Interpretação e sistematização dos dados												
Revisão bibliográfica												
Elaboração da qualificação												
Qualificação												
Redação da dissertação												
<b>2020</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abril</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Redação da dissertação												

Defesa da dissertação														
--------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

## 7) Material e métodos

Esse projeto de pesquisa é bibliográfico. Não obstante, planejo uma breve ida à TI São Jerônimo, localizada no município de São Jerônimo da Serra (PR) em janeiro de 2019, dando continuidade àquilo que comecei em minha iniciação científica. Por já ter ido duas vezes à campo, possuo alguma inserção na Terra Indígena, Carlos Cabreira e Dival Xetá se mostraram abertos quando em minha última visita comentei que desejava seguir com a minha pesquisa. Pretendo, através dessa breve visita poder me manter atualizada sobre as questões da TI e aprofundar relações para uma possível pesquisa de doutorado. Deste modo, o principal momento desta pesquisa, bibliográfico, será dividido em três partes: revisão bibliográfica do debate atual sobre aculturação, levantamento bibliográfico dos empregos do termo aculturação na história da antropologia com foco em etnólogos alemães e/ou diretamente influenciados pelo pensamento alemão e por último, realizar uma intensa sistematização destas leituras.

## 8) Bibliografia Ampliada

ALMEIDA, Mauro de. "Caipora e outros conflitos ontológicos". Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.1, jan. -jun., p.7-28, 2013.

AMOROSO, Marta. "Mudança de hábito: Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos". Rev. bras. Ci. Soc, São Paulo, v. 13, n. 37, June 1998.

\_\_\_\_\_. "Nimuendajú às voltas com a história". Rev. Antropol., São Paulo, v. 44, n. 2, p. 173-188, 2001.

\_\_\_\_\_. "Terra de Índio: imagens em aldeamentos do Império" - São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

AMOROSO, Marta e MAHAKEN DE LIMA, Leandro. "A aculturação é um objeto legítimo da antropologia: entrevista com Peter Gow". São Paulo: Revista de Antropologia, v. 54, n.1, 2011.

ATHIAS, Renato. "A noção de identidade étnica na Antropologia brasileira: de Roquette Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira" / \_\_\_\_\_.; apresentação Edvânia Torres. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

BATESON, Gregory. "Naven. Um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas". São Paulo: EDUSP, 2008.

CADOGAN, León "Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá". Assunção: Fundación León Cadogan / Ceaduc / Cepag, 1997.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Identidade Étnica, Reconhecimento e o Mundo Moral". *Revista antropológicas*, Recife, v. 16, n. 02, p. 09-40, 2005.
- CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. "Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó". São Paulo: Hucitec, 1978.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "'Cultura' e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais". In: *Cultura com aspas e outros ensaios/Manuela Carneiro da Cunha* São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- CLASTRES, Pierre. "Troca e poder: filosofia da chefia indígena". In: *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2003a.
- \_\_\_\_\_. "A sociedade contra o Estado". In: *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2003b.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas*. In: *Arqueologia da violência – pesquisas de antropologia política*. São Paulo, Cosac Naify, 2004.
- COELHO DE SOUZA, Marcela. "Nós, os vivos: 'construção da pessoa' e 'construção do parentesco' entre alguns grupos jê". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 16 No 46, pp 69-96, 2002.
- COMAROFF, John L., and Jean Comaroff. "Postcolonial Politics and Discourses of Democracy in Southern Africa: An Anthropological Reflection on African Political Modernities." *Journal of Anthropological Research*, vol. 53, no. 2, pp. 123–146. JSTOR, 1997.
- DESCOLA, Phillippe. "Beyond Nature and Culture. Radcliffe-Brown Lecture in Social Anthropology". *Proceedings of the British Academy*, n. 139: 137-155, 2005.
- FAUSTO, Carlos. "Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX)". *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n.2, p. 385-418, Oct, 2005.
- FERNANDES, Ricardo Cid. "Política e Parentesco entre os Kaingang: uma Análise Etnológica". Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo, FFLCH/USP, 2003.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. "Traduções e aproximações indígenas à mensagem cristã". *Cadernos de Tradução*, v.2, n.30, p.63-82, 2012.
- GORDON, Cesar. "Economia selvagem. Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-mebêngkre". São Paulo: ISA/NUTI/UNESP, 2006.
- GOW, Peter. "Of mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia". Oxford: Clarendon Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. "O parentesco como consciência humana: o caso dos Piro". Rio de Janeiro: *Mana* 3(2), 1997.
- \_\_\_\_\_. "Ex-Cocama: Identidades em transformação na Amazônia peruana". Rio de Janeiro: *Mana* 9(1), 2003.
- \_\_\_\_\_. "Da etnografia à História: 'Introdução' e 'Conclusão' de Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazônia". In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.14/15, p.197-226, 2006.
- \_\_\_\_\_. "Steps towards an ethnographic theory of acculturation". Gdańsk: *Etnografia*,

Praktyki, Teorie, Doświadczenia n. 1, 2015.

HESSE, Roberta de Queiroz. "Territorialidades entre os Kaingang, Xetá e Guarani de São Jerônimo da Serra". Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica realizada no período de agosto/2014 a julho/2015 pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e com financiamento da Reitoria da Universidade de São Paulo. Orientadora: Profª Drª Marta Rosa Amoroso, São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. "Territorialidades entre os Kaingang, Xetá e Guarani de São Jerônimo da Serra". Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica realizada no período de dezembro/2015 a novembro/2016 pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e com financiamento da Reitoria da Universidade de São Paulo. Orientadora: Profª Drª Marta Rosa Amoroso, São Paulo, 2016.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. "Terra Indígena São Jerônimo da Serra". Disponível em: (<http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3613> acessado em 29/09/2017 às 19h40).

KUPER, Adam. "O retorno do nativo". In: Horizontes antropológicos. 8(17): 213-237, 2002.

LADEIRA, Maria Inês Martins. "Espaço geográfico Guarani-MBYA: significado, constituição e uso". Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo, 2001.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. "Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil - (1889-1930)". Instituto Anchieta de Pesquisas. Antropologia, n.64. São Leopoldo: Unisino, 2007.

LATOUR, Bruno. "Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica". Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "O totemismo hoje". Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. "História de Lince". Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. "Tristes Trópicos" / Claude Lévi-Strauss; tradução Rosa Freire d'Aguiar. - São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. O homem nu. Mitológicas IV. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. "O governo dos Índios sob a gestão do SPI" In: História dos Índios no Brasil, org. por Manuela Carneiro da Cunha, 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, pp. 155-172, 1998.

LIMA, Tania Stolze. "O dois e seu múltiplo. Reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi". Mana, 2 (2), pp. 21-47, 1996.

MOTA, Lúcio Tadeu. "Os Kaingang do vale do rio Ivaí – PR: história e relações interculturais"/ \_\_\_\_\_, Éder da Silva Novak. Maringá, PR; Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2008.

\_\_\_\_\_. "As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná, 1769-1924"/ \_\_\_\_\_. Maringá, PR; Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

\_\_\_\_\_. "Os Xetá no vale do rio Ivaí: 1840-1920"/ \_\_\_\_\_. Maringá: EDUEM, 2013.

NOVAES, Sylvia Caiuby. "Jogos de Espelho: Imagens da Representação de si através dos Outros/\_\_\_\_\_". São Paulo – Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, João Pacheco de. "Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais". Rio de Janeiro: Mana 4(1), 1998.

PIERRI, Daniel Calazans. "O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya". Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

REDFIELD, R; LINTON, R; e HERSKOVITS, M. J. "Memorandum for the study of acculturation". American Anthropologist. n. 38, 1936.

"REVISTA ENTRETERRAS", Brasília, v.1, n.1, Junho, 2017.

ROTHEN, Leticia de Paiva. "IDENTIDADE ETNICA" NA TERRA INDIGENA SAO JERONIMO, PR." Monografia apresentada como requisito a obtencao do grau de bacharel, Curso de Ciencias Sociais, Universidade Federal do Parana. Orientadora: Edilene Coffaci de Lima. Curitiba, 2000.

SAHLINS, Marshal. " O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: Porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção". Rio de Janeiro: UFRJ, v. 3, n. 1 e 2, 1997.

SANTOS, Géssia Cristina dos. "Com mais Briga as diferenças se mantêm: noções de pertencimento, mistura e pureza étnica entre Kaingang, Guarani e Xetá no contexto da Ti São Jerônimo (PR)". Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017.

SCHADEN, Egon. "Aculturação indígena: ensaios sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos". São Paulo, Pioneira, 1959.

\_\_\_\_\_. "Aspectos Fundamentais da cultura Guarani". São Paulo, EPU/Edusp, 1974.

\_\_\_\_\_. "A religião Guarani e o Cristianismo. Contribuição ao estudo de um processo histórico de comunicação intercultural". Revista de Antropologia. Vol. 25, 1982.

SCHRÖDER, Peter. "Curt Nimuendajú e os museus etnológicos na Alemanha". Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 15, vol.22 (1): 141-160. Recife, 2011.

\_\_\_\_\_. "Curt Unckel Nimuendajú – um levantamento bibliográfico". Tellus, ano 13, n. 24, p. 39-76, jan./jun. Campo Grande, MS, 2013.

SILVA, Carmem Lucia da. "Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá". Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 1998.

SPENASSATO, Josiéli Andréa. "Eles que não roubem você de mim: gênero e casamento entre um grupo Guarani Nhandeva" Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais. Orientadora: Prof.a Dr.a Laura Pérez Gil. Curitiba, 2013.

STRATHERN, Marilyn. "O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia" / \_\_\_\_\_; André Villalobos, tradutor. – Campinas, SP: Editora da

Unicamp, 2006.

TOMMASINO, Kimiye. "A história dos Kaingang da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê meridional em movimento". Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia: Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

"TROBRIAND Cricket: An Ingenious Response to Colonialism". Direção: Jerry Leach e Gary Gildea. RA66 Col. 50 mins.

UNKEL, Curt Nimuendajú. "Die Sagen Von Der Erschaffung Und Vernichtung Der Welt Als Grundlagen Der Religion Der Apapocúva-Guaraní." Zeitschrift Für Ethnologie 46, n. 2/3 p. 284-403, 1914.

VEIGA, Juracilda. "Cosmologia e Práticas Rituais Kaingang". Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Imagens de natureza e sociedade". In: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. "Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena". In: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002b.

\_\_\_\_\_. "O Nativo Relativo". Mana 8(1), 113-148, 2002c.

WAGNER, Roy. "Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?" In: Revista Cadernos de Campo, ano 19, Nº 19, pp. 237-257, 2010.

WELPER, Elena Monteiro. Curt Unckel Nimuendajú: Um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira/ Elena Monteiro Welper. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGAS-MN, 2002.